**Atividade de Fundamentos da Educação de Surdos**

**ALUNA:** Floriete Assunção Ribeiro

O Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris (1760 a 1890)

Até o século XVIII, ensinar os surdos a falar, ler e escrever parecia unanimemente complexo: são poucas as experiências de educar surdos anteriores ao final do período medieval que tiveram seus registros encontrados. Com efeito, os consagrados “pioneiros” na instrução de surdos eram, sobretudo, preceptores de crianças de famílias ricas das principais sociedades europeias, que realizavam um ensino individualizado, baseado na educação pela palavra. Desse modo, o suposto encontro fortuito do abade Charles-Michel de l’Épée com duas gêmeas surdas teria sido o responsável por uma inversão na abordagem realizada por estes preceptores até aquele momento.

O Instituto Nacional de Surdos Mudos de Paris tem seu embrião em 1760, a partir do trabalho iniciado pelo abade Charles-Michel de L’Epée, na sociedade parisiense da segunda metade do século XVIII. As informações sobre o abade são raras e, em sua maioria, controversas. Sabe-se que ele nasceu na cidade de Versalhes no ano de 1712. Seu pai, Charles François Lespée era arquiteto do rei e sua mãe, Marguerite Varignon, era filha de um grande empreiteiro, ligado oficialmente à construção dos edifícios do rei Luís XIV. Nesse sentido, seu lugar social fica evidenciado: um dos filhos de uma família burguesa tradicional do século XVIII, estudou teologia e direito e decidiu seguir o caminho religioso (BÉZAGU-DELUY, 1990). L’Épée tinha, na data de criação de sua escola, 50 anos, uma carreira eclesiástica modesta e bastante conturbada, além de uma fortuna pessoal considerável. Com efeito, o abade era uma figura de destaque na sociedade parisiense da época, um homem ilustrado.

Assim, em 1771, com seus próprios meios, fundou a Instituição Nacional de Surdos-Mudos de Paris, na sua própria casa, localizada a rua des Moulins, recebendo as crianças pobres em regime de internato (BERNARD, 2014). A chave matriz para o sucesso e o reconhecimento internacional do trabalho desenvolvido por L’Épée com os surdos está nos chamados por ele exercícios públicos dos surdos e mudos. Tratava-se de demonstrações que ele organizava com seus melhores alunos, visando impressionar possíveis espectadores afortunados que pudessem se interessar em financiar a educação dessas crianças e promover a publicidade do abade e o reconhecimento de seu método de ensino. Para isto, ele mesmo convidava muitos espectadores célebres, fossem franceses ou estrangeiros, notadamente duques, embaixadores, eclesiásticos, entre outros, que enchiam a sala de lições durante as duas horas de demonstração (L’ÉPÉE, 1776). Estes exercícios teriam assumido um papel central no desenvolvimento da educação de surdos pelo mundo, que passaria a se desenvolver rapidamente a partir dali. Isso porque representantes de diversas nações passariam, a partir das aulas de L’Épée, a entrar em contato com essa nova possibilidade para instruir as crianças surdas.

Sicard era uma figura controversa, proclamava-se monarquista e, por isso, foi conduzido em 1793 ao tribunal revolucionário e só conseguiu escapar da guilhotina com os relatos de seus alunos sobre suas ações de beneficência com a educação de surdos (BUTON, 1999). Além disso, teria sido o grande responsável pela descontinuidade do método do abade de L’Épée, que seria retomado somente na gestão de Périer, passando por novos períodos de descontinuidades nas gestões seguintes. Assim, no período que compreende a saída de Sicard (1822) e o início da administração de Léopold Ernest Javel (1885), isto é, em pouco mais de 60 anos, o instituto teve nove diretores, que refletiam, sobretudo, a instabilidade política do país ao longo do século.

No período que compreende a fundação do instituto e a saída do abade Borel (1771-1831), vislumbrando uma tendência ligada à ideia de que a educação de surdos deveria ser confiada aos religiosos perpetuada por meio da lógica de caridade intrínseca ao processo de criação da escola, todos os diretores da instituição foram abades. Ora, não estamos dizendo com isto que o caráter beneficente atribuído ao instituto em sua criação tenha sido um determinante ao longo de toda a sua trajetória, mas sim ressaltando que a concepção da educação de surdos como caridade permaneceu ainda em boa parte do século XIX, evidenciada aqui na escolha dos diretores.

A tensão entre os métodos orais e os métodos gestuais vai perpassar toda a história da instituição. Para o século XIX, o desfecho dessa disputa está expresso na decisão do Congresso de Milão em 1880, em que se define a interdição da língua de sinais como modo de ensino e de comunicação nas instituições escolares (PRESNEAU, 2009, p. 221). Assim, o instituto passaria por uma descaracterização da ideia inicial do abade de L’Épée: de instruir os surdos a partir dos sinais metódicos, de modo simultâneo. O Instituto Nacional dos Surdos-Mudos se tornou, nas últimas décadas do XIX, mais uma escola oralista, renegando a trajetória que outrora lhe dera vida.

Referências:

BÉZAGU-DELUY, Maryse. **L'abbé de l'Epée :**instituteur gratuit des sourds et muets (1712-1789). Éditions Seghers, Paris, 1990.

BERNARD, Yves**. L’esprit des sourds:**les signes de l’Antiquité au XIXe siècle**.**Paris : les éditions du Fox, 2014.

L’ÉPÉE. Charles-Michel (de). **Institutions des Sourds et Muets par la voie des signes méthodiques.**Paris, Nyon, 1776.